



O amor é feito de
improbabilidades.

A LADY
Improváveis

Valerie Bowman

TOP
SEL
LER

«Demasiado encantador para se perder!»

Lisa Kleypas

Para a minha mãe, Judith Hammond Bowman Rhodes,
que me inculuiu não só o amor pelo romance histórico,
mas também o talento para contar histórias.
Quem já a ouviu contar histórias sobre leões de montanha
e ratazanas sabe que é verdade.

A minha mãe disse-me, um dia,
que ter uma escritora de romances na família
era o seu maior sonho tornado realidade.

Amo-te, mãe.

CAPÍTULO UM



Londres, abril de 1816

— **O**h, por amor de Deus, *Sra. Gata*, faz o favor de aparecer e vamos acabar com isto, está bem?

Jane Lowndes afastou o cabelo escuro e molhado dos olhos. Estava a chover. Copiosamente. A chuva torrencial começara há cerca de cinco minutos, e ela estava em frente das cavalariças, por trás da casa da cidade do seu pai, fazia já quase dez minutos.

Jane não se importava com a chuva. Que mal fazia que o cabelo ou a roupa ficassem numa miséria? Até suportava o facto de os óculos estarem embaciados. Porém, o seu livro estava a ficar molhado e *isso* era inaceitável. Enfiara o volume encadernado a couro o melhor possível debaixo do braço, enquanto equilibrava uma bacia de madeira nas mãos, mas tinha mesmo de levar o livro para dentro para o secar junto à lareira.

Semicerrou os olhos para a névoa cinzenta. Um miado fraco assinalou a chegada da gata. O animal castanho e de aspeto sarnento devia tê-la ouvido. Viera a correr pelo muro de pedra, do outro lado dos estábulos, dirigindo-se para Jane. Pelos vistos, nem a chuva conseguia afastar o felino da sua refeição gratuita.

— Até que enfim!

Um sorriso suave aflorou aos lábios de Jane, apesar do esforço para o reprimir. Não *queria* sorrir para a gata. Na verdade, não queria sentir qualquer responsabilidade para com ela, de todo, quer chovesse, quer fizesse sol. Chamara-lhe a atenção duas semanas antes, quando chegara às cavalariças, após um passeio a cavalo no parque, e tivera a infelicidade de descobrir que a gata tinha gatinhos... Vira

uma das pequenas criaturas peludas a espreitar por trás de um arbusto, no beco, obviamente à espera do regresso da mãe. Uma gata solitária era uma coisa, mas os gatinhos eram algo totalmente diferente. Juntando-se a isso a magreza e a fome óbvia da mãe gata, Jane não conseguiu deixar de fazer uma viagem à cozinha para pedir uma bacia de restos.

Dois semanas mais tarde, já ela e a *Sra. Gata* tinham encontro marcado ali, todas as manhãs. Aquele era o primeiro dia em que começara a chover, enquanto Jane esperava. Da próxima vez, teria de se lembrar de deixar o livro em casa.

Jane baixou-se e pousou a bacia junto da parede, ficando agachada. A gata lambeu os lábios e investiu para o local, enterrando o focinho avidamente na comida e devorando-a.

— Credo, és mesmo gulosa! — exclamou Jane, abanando levemente a cabeça, em desaprovação. — Faz-me lembrar como eu comia quando era mais pequena. — Riu-se. — Bem, acho que vou ter de continuar a alimentar-te para poderes manter aqueles gatinhos saudáveis, mas não me tornas a tarefa nada fácil chegando tarde quando chove.

Acariciou a cabeça da gata, ignorando os pensamentos de pulgas, ou pior. Lavaria as mãos assim que voltasse ao conforto de casa.

— Como estão os gatinhos? — perguntou Jane, com umas gotas de chuva a caírem-lhe pelo nariz abaixo. A resposta da gata foram mais sons famintos. — Imagino que andes muito atarefada — continuou Jane, reajustando o livro debaixo do braço. — Não te invejo. Tens de pôr comida na... mesa para os teus filhos, e o Sr. Gato nem uma pata levanta, presumo.

A gata continuou a comer, ignorando firmemente a benfeitora.

Jane fez um estalido com a língua.

— Compreendo perfeitamente. É exatamente por isso que tenciono continuar descomprometida e promover os direitos das mulheres na sociedade, *Sra. Gata*. Tal como Mary Wollstonecraft.

A gata parou e olhou-a de lado, com os olhos verdes semicerrados, como se entendesse o que Jane dissera.

Jane arqueou as sobrancelhas.

— Sei o que estás a pensar. Mary Wollstonecraft era casada. Eu sei. Claro que sei! Mas isso não quer dizer que *eu* tenha de o ser. Na verdade, estou convicta de que farei muito mais pela causa se não me distrair com um homem e filhos.

A gata ergueu os olhos da comida e pestanejou para ela. Seria crítica aquilo que lhe via no olhar? Aquela gata conheceria a mãe de Jane? Limpou a chuva dos óculos.

— Por falar em casamento — continuou ela, enquanto a gata voltava a concentrar-se no pequeno-almoço —, a minha amiga Cass vai casar-se, e eu parto hoje para a província, para ir ao casamento. Não vou cá estar durante uns tempos.

A gata abanou a cauda.

— A culpa não é minha — continuou Jane. — Não consegui demovê-la. Pelos vistos, a Cass está loucamente apaixonada pelo Julian, e parece que *algumas* pessoas estão destinadas a ficarem juntas para sempre. A Lucy parece ser da mesma opinião, e a Lucy, claro, é agora duquesa, na sequência de se ter apaixonado. — As últimas três palavras foram ditas em tom de troça. — Mas não te preocupes — prosseguiu Jane. — Pedi à Anna, a ajudante de cozinha, que venha ver de ti enquanto eu estiver fora. Ela prometeu trazer-te os melhores restos e...

— Menina Jane? — ouviu-se a voz de Anna por entre a chuva e o nevoeiro.

Jane pôs-se rapidamente de pé e virou-se para a direção de onde vinha a voz.

— Anna, és tu?

Anna depressa se materializou, vinda do lado das cavalariças. Trazia um jornal sobre a cabeça para se proteger da chuva e semicerava os olhos para conseguir ver através do nevoeiro.

— Menina Jane? — voltou a chamar, parando ao vê-la. — Ah, está aqui. Bem me pareceu que era capaz de a encontrar cá fora. A sua mãe anda à sua procura. Ela e a Eloise estão a virar a casa das avessas atrás de si.

Eloise era a criada pessoal de Jane. A pobre mulher era muitas vezes severamente censurada quando a mãe de Jane não sabia do paradeiro da sua única filha.

— Nesse caso, é melhor voltar para casa depressa. Pobre Eloise! Adeus, *Sra. Gata*. Vemo-nos quando eu voltar. E espero encontrar os teus gatinhos gordos e saudáveis. A Anna vai tomar bem conta de vocês. Não vais, Anna?

O sorriso de Anna abriu-se-lhe nas faces redondas e cheias.

— Claro, menina!

A gata levantou a cabeça e pestanejou.

Anna ajeitou o jornal sobre a cabeça.

— Menina, ouvi a sua mãe dizer à Eloise que é muito importante que ela e o seu pai falem consigo antes de partir para a festa.

Jane torceu o nariz. Bolas! Uma audiência com a mãe nunca era coisa boa, e se estava a arrastar também o pai, era algo sério.

— O que será que ela quer?

Anna baixou-se e fez festas na cabeça da gata.

— Ouvi-a dizer qualquer coisa sobre a *Sra. Bunbury*.

Jane engoliu em seco.

— A *Sra. Bunbury*?

— Sim. É a sua nova dama de companhia, não é, menina?

Jane pestanejou rapidamente.

— É. É, sim.

Pegou no livro, de debaixo do braço, e desatou numa corrida pouco elegante de volta a casa, sem se importar com a água das muitas poças que havia no pátio a salpicar-lhe as saias.

A *Sra. Bunbury* era, de facto, a sua nova dama de companhia. Quem a acompanharia à festa de casamento de Cass, que se realizaria na casa da noiva, em Surrey. Se a mãe queria falar sobre a *Sra. Bunbury*, podia muito bem haver problemas.

Porque a *Sra. Bunbury* não existia.

CAPÍTULO DOIS



Garrett Upton virou a carta e ficou a olhar para ela. Fixamente. Expirou fundo. Continha o habitual: uma letra de crédito, uma mensagem insuficiente, uma grande dose de culpa.

— Senhor, a carruagem está à sua espera.

Garrett olhou para o mordomo, que permanecia em sentido à entrada da porta do seu escritório. Os dois *cocker spaniel*, deitados de cada lado da sua cadeira, levantaram a cabeça e abanaram a cauda.

— É só um momento, Cartwright.

Cartwright acenou com a cabeça.

Garrett voltou o olhar para a secretária e para a carta que lhe ocupava a atenção naquela manhã. Acabou de a secar, fechou-a e selou-a com a cera aquecida, à sua frente.

Tinha pouco tempo. A carruagem estava à espera. Não dormira bem na noite anterior, mas isso também não era novidade. Os pesadelos estavam sempre lá, a persegui-lo.

Olhou fixamente para o endereço.

Sra. Harold Langford

12 Charles Street

Londres

A cada duas semanas, Garrett mandava uma carta semelhante. Enviava-a, infalivelmente, desde os seus 21 anos, há quase uma década. Embora tivesse sempre o mesmo conteúdo, não havia qualquer menção a Harold, o amigo que perdera na guerra.

Garrett abanou a cabeça e empurrou a cadeira para trás. Os cães levantaram-se atabalhoadamente de onde descansavam. Ele pôs-se de pé e dirigiu-se para a porta, com a carta na mão. Nas últimas duas semanas, tinha trabalhado para pôr os assuntos em dia e assegurar-se de que desfrutaria do tempo que iria passar no campo. Estava de partida para a festa de casamento dos amigos, em Surrey. O novo Conde de Swifdon, Julian Swift, ia finalmente casar com a sua noiva, Lady Cassandra Monroe. Os seis meses de luto por Donald, o irmão mais velho do conde, já tinham passado.

O casamento ia ser grandioso. A festa antes do casamento seria mais íntima. Lucy, a recém-casada prima de Garrett, estaria lá com o marido, o Duque de Claringdon. Cassandra e Swifdon também lá estariam, claro. E a menina Jane Lowndes. Garrett revirou os olhos. Jane exasperava-o, discutia com ele, punha-o doido, ou uma combinação das três coisas, mas acreditava que iria ser capaz de suportar a companhia dela durante uma semana. Não conseguia compreender porque é que Lucy insistia em continuar amiga íntima daquele rato de biblioteca com a mania de que sabia tudo.

Cartwright continuava em sentido, junto à porta.

— Assegure-se de que isto é enviado hoje — instruiu Garrett, enfaticamente, ao criado, entregando-lhe a carta.

— Com certeza, assim será — respondeu o mordomo, recolhendo a missiva.

Garrett esticou-se sobre a grande secretária de mogno, pegou no casaco que estava nas costas da cadeira e vestiu-o. Os cães ficaram a observá-lo atentamente. Depois virou-se e saiu a passos largos. Os cães seguiram-no, junto aos calcanhares. Passou pelo mordomo, que caminhou atrás de si ao mesmo ritmo. Marchou pelo corredor abaixo e entrou no vestíbulo. Cartwright precipitou-se para a sua frente, para lhe abrir a porta, e Garrett virou-se para afagar a cabeça dos cães. As caudas abanaram vigorosamente.

— Tome conta deles, Cartwright.

Colocou o chapéu na cabeça e saiu para a rua com passadas largas, subindo para a carruagem que o aguardava. Instalou-se no banco forrado a veludo e espreitou pela janela, olhando uma última vez para a sua residência de Londres.

Era uma bela casa. Garrett podia ser o presumível herdeiro do Conde de Upbridge, mas a casa da cidade em Mayfair e os seus criados e recheio eram presentemente pagos com o dinheiro que a sua mãe trouxera para o casamento com o segundo filho de um conde e uma herança do seu avô paterno. Garrett era um homem rico por direito.

A carruagem começou a andar com um súbito solavanco. O Sr. Garrett Upton estava de partida para passar uma semana numa festa no campo, em Surrey.

CAPÍTULO TRÊS



— **M**inha menina, recuso-me a deixar-te sair desta casa enquanto não responderes às minhas perguntas de modo satisfatório.

O cabelo escuro da Sra. Hortense Lowndes tremeu com o impacto do pé a bater no chão alcatifado do escritório do pai de Jane.

Jane ajustou os óculos sobre o nariz e ficou a olhar para a mãe, calmamente. Parecia estar mesmo zangada. Nem sequer mencionara o facto de a filha ter chegado a pingar, sobre a carpete, e depois se ter apressado a pôr o livro encharcado junto ao lume.

— Estás a ouvir-me? — incitou a mãe.

Jane olhou para o pai, que estava de óculos postos e lhe ofereceu um encolher de ombros e um sorriso compreensivo, antes de cruzar as mãos sobre a secretária e voltar a atenção para o seu livro. O pai, obviamente, gostaria que toda aquela confusão se desenrolasse noutra sítio qualquer, em vez de lhe interromper a leitura. Jane compreendia-o. Olhou ansiosa para o seu próprio livro. *Oxalá seque e as páginas não fiquem estragadas.* Oh, espera! Devia estar a prestar atenção à mãe.

— Claro que estou a ouvir, mãe.

A mãe cruzou os braços sobre o peito e olhou furiosamente para ela, desconfiada.

— Porque é que estás toda molhada?

Jane apertou os lábios.

— Pensei que esta conversa tivesse que ver com a Sra. Bunbury.

— Distração. Funcionava sempre com a mãe. Sem tirar os olhos do livro, o pai sorriu com malícia.

— Sim. A Sra. Bunbury — continuou a mãe. — É isso mesmo. Tenho várias perguntas sobre ela.

Jane respirou fundo. Tirou cuidadosamente os óculos e limpou-os com a manga, ganhando tempo. Uma segunda tática que costumava funcionar com a mãe.

— Mãe, já discutimos isto antes. Já não sou uma criança. Tenho 26 anos. Sou uma intelectual, uma solteirona. — Absteve-se de fazer notar que a recusa de a mãe aceitar aquele facto fora exactamente o motivo pelo qual se vira obrigada a inventar o esquema absurdo da Sra. Bunbury. Não seria bem-recebido. De todo.

— Lá isso é que não és! — exclamou a mãe, voltando a bater o pé. — Céus, nem acredito nos meus ouvidos! — Deu meia-volta na direção do marido. — Charles, estás a ouvir isto?

A cabeça do pai de Jane levantou-se subitamente. Pigarreou.

— Sim, claro. Uma intelectual solteirona, querida.

— Não! — gritou a mãe. — A Jane *não* é uma intelectual solteirona.

— Não, claro que não! — concordou o pai, antes de voltar a enterrar a cabeça no livro.

Hortense virou-se novamente para Jane. Levou o lenço aos lábios.

— Gastámos uma fortuna na tua roupa e educação. Assegurámo-nos de que recebesses convites para as melhores festas, bailes e eventos sociais. Não compreendo por que razão não consegues encontrar um marido.

— Eu não quero um marido, mãe. Já lho disse vezes sem conta.

— Se ao menos tentasses — implorou Hortense.

Como de costume, a mãe recusava-se a ouvi-la. Daí a necessidade da Sra. Bunbury.

Jane voltou a pôr os óculos, cuidadosamente.

— Vou à festa, não vou? — Lógica. Servia para aplacar a mãe, ainda que temporariamente.

A mãe fez o som de um pequeno soluço.

— Não te vais divertir. Sei muito bem que não vais. Acho que devia ir contigo e...

— Não. — Jane esperava desesperadamente que o pânico não se lhe estampasse na cara. Se a sua mãe fosse à festa, seria um desastre. Já bastava chegar no fim da semana, para o casamento propriamente

dito. — Claro que não me vou divertir, mãe. Pelo menos não na parte da festa. Levo uma boa quantidade de livros e tenciono...

A mãe agitou as mãos no ar.

— Livros, livros, livros! É só disso que vocês os dois falam, a única coisa em que pensam.

Virou-se e olhou acusadoramente de um lado para o outro, entre o marido e a filha.

Jane deu um passo em frente e pôs um braço reconfortante à volta do ombro da mãe. Sentia um pouco de pena dela. A pobre mulher não dera à luz uma filha que gostasse de pessoas e festas e roupa e futilidades, como ela. Em vez disso, trouxera ao mundo uma filha que saíra ao pai, um homem que fora armado cavaleiro pela Coroa pelos seus conhecimentos profundos de economia, tendo investido com sucesso uma grande quantidade de fundos da família real. Jane até se parecia com ele. Cabelo escuro, olhos escuros, faces redondas e cara redonda. O traseiro ligeiramente redondo podia derivar-se mais ao seu gosto por bolos do que ser obra do pai, mas isso não interessava. Em todas as coisas importantes, Jane era parecida com Sir Charles Lowndes.

— Lamento, mãe — murmurou Jane, abraçando-a.

Hortense era bonita, doce, bondosa e bem-intencionada. Não se podia dizer que a culpa fosse dela por ter tido a terrível infelicidade de ter um rato de biblioteca como filha. Pestanejou para Jane.

— Lamentas o quê?

Jane deixou cair o braço.

— Lamento passar os meus dias a ler Sócrates em vez de *La Belle Assemblée*, a ler colunas políticas em vez de ir comprar tecidos e futilidades contigo, e a ir ao teatro em vez de visitar amigas.

Os ombros da mãe subiram e depois relaxaram. Torceu o lenço que tinha nas mãos.

— Oh, Jane, se ao menos *tentasses*...

Jane suspirou. Já havia tentado. Oh, como tinha tentado! Quantas vezes desejara ser formosa e bela, com boa vista e adorar ir a festas? Contudo, ela simplesmente não era assim, nem nunca seria. Quanto mais depressa a sua mãe aceitasse esse facto e abrisse mão do seu sonho de Jane fazer um esplêndido casamento, melhor para ambas.

A mãe não lhe deixara outra opção. Além do pequeno episódio daquele dia, Hortense não dera grandes sinais de ceder. Daí que Jane estivesse prestes a empregar a sua arma secreta: Lady Lucy Hunt, a sua melhor amiga. Lucy prometera-lhe que usaria o seu considerável talento com as palavras para convencer Lady Lowndes de que Jane devia ser deixada em paz. Jane só queria viver o resto dos seus dias a ler, a estudar, a lutar pelos direitos das mulheres e a receber em sua casa, de vez em quando, um grupo de amigas intelectuais. Queria ser livre, não ser forçada a frequentar uma ronda infinita de eventos sociais que a faziam sentir-se tudo menos social.

Com esse objetivo, empregara a segunda melhor arma do seu arsenal: a sua nova dama de companhia, a Sra. Bunbury. A ideia fora inspirada no infeliz incidente de outra amiga de Jane, Cassandra Monroe, no outono anterior, quando Cass se viu obrigada a fingir que era uma senhora fictícia chamada Patience Bunbury. A situação só fora infeliz porque implicou que Cass fosse forçada a enganar o homem que amara desesperadamente nos últimos sete anos, e... bem, a charada tornou-se problemática quando o Capitão Swift descobriu a duplicidade de Cass. Tudo terminara bem, contudo; daí a viagem de Jane à festa do casamento deles e a sua subsequente necessidade de uma dama de companhia fictícia.

— Vou à festa, mãe. Quanto à Sra. Bunbury... a Lucy não te escreveu a contar-te sobre ela?

Jane deu um passo na direção da porta.

O pai dela semicerrou-lhe os olhos e arqueou uma sobrancelha. Sabia que ela estava a tentar escapar-se.

A mãe assentiu vigorosamente.

— Sim, mas acho altamente suspeito que eu ainda não tenha conhecido essa mulher, e eu...

— A Lucy não garantiu o elevado caráter moral e excelentes referências da Sra. Bunbury? — continuou Jane, com mais um passo para a porta.

As rugas na testa da mãe aprofundaram-se.

— Sim, mas não posso permitir que a minha única filha...

— Não te disse que ia diretamente para a casa da cidade da Lucy, onde vou encontrar-me com a Sra. Bunbury e viajar com ela e com

a Lucy para a festa, e que serei devidamente acompanhada por ambas o tempo todo?

A mãe abriu a boca e fechou-a outra vez, fazendo lembrar um sapo confuso.

— Disseste, mas recuso-me a...

— A Eloise não vai estar comigo durante toda a viagem até à casa da Lucy?

A mãe abriu e fechou a boca mais algumas vezes. Parecia ter chegado ao fim da sua lista de refutações. Se alguém arremessasse razões suficientes a Hortense Lowndes, sem parar para respirar, podia esmagá-la com o simples volume de lógica e depois... o sucesso era apenas uma questão de tempo. Jane quase podia contar os segundos até à vitória. Um... dois... três.

— Simplesmente... não acho... — A mãe torcia as mãos e olhava em volta, como se esperasse encontrar as respostas de que precisava no chão do escritório. — Charles, o que tens a dizer sobre tudo isto?

O pai de Jane ergueu os olhos e ajustou os óculos.

— Acho que a Sra. Bunbury parece bastante capaz, querida.

Jane confirmou com a cabeça e um largo sorriso. Podia sempre contar com o pai.

Contudo, Hortense continuava a torcer as mãos. Hum... Parecia que a situação pedia mais um remate.

Jane cruzou as mãos à sua frente, serenamente.

— Tu e o pai não vão ao casamento para a semana, onde poderão comprovar com os vossos próprios olhos como me portei bem e serão apresentados a todas as pessoas novas que conheci?

Esta última parte foi a mais importante. Não havia nada de que a mãe de Jane gostasse mais do que ver a filha a conhecer pessoas novas, de preferência da variedade solteira, com título e masculina. Claro que Jane não tinha qualquer intenção de fazer nada disso, mas a mãe não precisava de saber.

— Vou ter a oportunidade de conhecer a Sra. Bunbury na próxima semana? — perguntou a mãe, um pouco mais apaziguada, baixando os ombros e com um matiz mais animado e esperançado no rosto.

— Claro que sim! — confirmou Jane, fazendo figas atrás de si. Aproximou-se da porta. — Vou, então, mudar de roupa, para eu e a Eloise podermos pôr-nos a caminho, para irmos ter com a Sra. Bunbury.



Meia hora mais tarde, Jane e Eloise desciam as escadas para a carruagem, que as esperava. Um criado seguia-as com a mala de Jane. Ela suspirou de alívio. Parecia que a mãe estava mais tranquila, por enquanto. Jane vivia de acordo com uma regra firme: resolver um problema de cada vez, de preferência o que se apresentava à sua frente. Mais tarde preocupar-se-ia com os restantes.

O criado ajudou Jane e Eloise a subirem para a carruagem. Jane instalou-se no banco virado para a frente e olhou pela janela, na direção da casa. A mãe espreitava pela porta da frente.

— Adeus, mãe! Até para a semana — despediu-se, acenando com a mão enluvada e sorrindo luminosamente. A seguir, reclinou-se no seu lugar e soltou um longo suspiro. Sorriu para Eloise. — Estamos a salvo.

Eloise também suspirou.

— Vai ser bom estar no campo, menina.

— Estou ansiosa por isso.

Jane ajeitou-se no lugar e abriu o seu livro. Dentro de algumas horas, estaria na companhia das suas melhores amigas, Lucy e Cass. Estava desejosa de as ver. Sem dúvida que o primo de Lucy, Upton, também lá estaria. Pois que estivesse. Ela seria capaz de lidar com ele. Sempre gostara de o chocar um pouco.

A carruagem iniciou a viagem com uma sacudidela. A menina Jane Lowndes estava a caminho de passar uma semana no campo, em Surrey, ditosamente livre de dama de companhia.

CAPÍTULO QUATRO



Surrey

Propriedade rural do Conde e Condessa de Moreland

Pac. A flecha embateu no alvo com um barulho sólido, e Jane abriu o olho que tinha fechado, sorrindo abertamente.
— Outro tiro perfeito! — gritou Lucy, do lado oposto do amplo relvado.

Lucy, com a sua figura magra, cabelo preto e ondulado, e olhos de cores diferentes — um verde, o outro azul —, era provavelmente a mulher mais bonita da região. Para Jane, havia sido sempre apenas a sua amiga, a sua companhia quando ficavam na prateleira a ver todas as outras jovens a serem convidadas para dançar, e a parceira com quem tantas vezes andava a tramar alguma.

— Muito bem! — exclamou a irmã mais nova de Julian, Daphne, que também estava a passar a tarde com Jane e Lucy.

— Gosto bastante de tiro com arco — respondeu Jane, puxando de outra flecha da aljava que estava junto dela. — Posso fingir que Lord Bartholomew está ali, no centro do alvo.

A risada de Lucy atravessou o campo.

— Quem é Lord Bartholomew? — perguntou Daphne, franzindo o sobrolho.

— É um dos deputados do Parlamento mais ativos contra os direitos das mulheres — respondeu Lucy. — Digamos que a Jane *não* é uma sua admiradora.

Jane encolheu os ombros.

— Estou a dizer-te, o tiro é bom para a alma. Faz-me sentir bastante revigorada.

Lucy riu-se novamente.

— Hum... Talvez eu devesse tentar outra vez. Até à data, tenho feito sempre uma triste figura. Confesso que nunca fiz de conta que está ali um inimigo. A ideia torna, definitivamente, tudo mais atraente.

Daphne também se riu.

— Se assim é, tem de me permitir tentar depois de si, menina Lowndes.

— Antes de mais, tens de me chamar Jane — disse ela para a mulher mais nova. — Em segundo lugar, não é possível que tenhas inimigos na tua idade, querida.

— Ias ficar surpreendida — respondeu Daphne. — Posso ter 19 anos, mas há uma pessoa com quem estou bastante furiosa neste momento.

— Conta! — Lucy aproximou-se, com um sorriso conspirativo. — E também tens de me chamar Lucy, querida. Nada desse disparate de «Vossa Senhoria».

Daphne suspirou.

— Lamento, mas não posso contar. Porém, basta dizer que tenho boas razões para querer acertar nele com uma dessas flechas.

— Uma senhora com mistérios? Gosto disso — comentou Lucy, acenando lentamente com a cabeça.

— É um *ele*? — Jane arqueou uma sobrancelha. — Essa é a parte de que eu gosto.

Daphne esboçou-lhe um sorriso tímido e encolheu os ombros.

Jane observou-a. Daphne era uma coisinha loura, cheia de energia. Debutara no ano anterior e sofrera um período de tristeza terrível após o irmão mais velho ter morrido, no outono seguinte. Era impossível não gostar dela.

— Fingindo fazer alvo contra os homens ou não, fico contente por estares aqui fora connosco hoje, Daphne. O ar fresco faz-te bem — disse Jane.

— Tenho de vos agradecer às duas por me fazerem sorrir e rir. Já lá vai tanto tempo — respondeu Daphne, com um olhar distante.

Lucy atravessou o relvado e deu-lhe um abraço rápido.

— Minha querida Daphne! Ficamos contentes por te fazer rir. Na verdade, é a nossa especialidade. Além disso, somos

praticamente irmãos. Tu és uma de nós. A Jane e eu amamos a Cass como se fosse mesmo nossa irmã.

— Obrigada, Jane e Lucy. — A boca de Daphne curvou-se para cima, num sorriso tímido. — Não podia estar mais feliz por a Cass entrar para a nossa família. A minha mãe e eu adoramo-la.

— O Julian também — respondeu Lucy, piscando o olho.

— Sim — concordou Daphne —, o Julian também.

Jane olhou para o alvo outra vez, puxou o arco para trás, fechou um olho e soltou a flecha. Outro tiro direto e certo. Quase dividiu a flecha anterior em duas.

— Toma lá, Lord Bartholomew!

— Muito bem! — exclamou Lucy.

Daphne bateu palmas.

— A única outra pessoa que vi disparar uma flecha com tal precisão foi o Capitão Cavendish.

Jane e Lucy trocaram um olhar por cima da cabeça de Daphne. Esta mencionara, ultimamente, em várias ocasiões, o Capitão Rafferty Cavendish, o amigo do irmão, que estava com Donald quando este morreu.

— Como está o Capitão Cavendish, querida? — perguntou Lucy, deslocando-se despreocupadamente para onde Daphne estava, junto de Jane.

— Muito melhor, ou pelo menos é o que ele diz. Recuperou dos ferimentos tão depressa que os médicos ficaram espantados.

— Será que vai poder vir ao casamento? — instou Lucy, enquanto Jane preparava outra flecha.

— Espero que sim... Quer dizer, acho que sim — respondeu Daphne, alisando o vestido.

— Não estás aborrecida com ele, pois não, querida? — avançou Lucy. Jane deitou uma olhadela rápida a Daphne. A pobre rapariga estava a corar. — Não, espera. Não respondas — continuou Lucy. — Detestaria privar-te do teu mistério.

Os ombros de Daphne relaxaram.

— Obrigada.

— Mais um, e depois podes tentar, Daphne — disse Jane. Alinhou a flecha e soltou-a. O míssil cruzou outra vez o ar, atingindo o alvo.

— Estás a imaginar a cabeça de alguém? Espero que não seja a minha — soou uma voz masculina sarcástica.

Jane baixou o arco e deu meia-volta, para ver o homem que se aproximava. Semicerrou os olhos ao vê-lo.

— Se quiseres servir-me de alvo, Upton, podemos tratar disso facilmente.

Lucy puxou as saias para cima e correu para ir cumprimentar o primo.

— Garrett, estou tão contente por estares cá! Receei que não te conseguisses desembaraçar dos teus afazeres a tempo de vires à festa.

Garrett cumprimentou Daphne antes de responder à prima.

— Dei um jeito a umas coisas na minha agenda.

— Ah, um milagre. Quem diria que beber e jogar se podiam reorganizar tão facilmente?! — provocou Jane, esboçando-lhe um sorriso forçado. Apanhou o olhar de Daphne e revirou os olhos. Daphne riu-se baixinho.

— É um prazer ver-te também, Jane — respondeu Garrett. — Irei prescindir de ser o teu alvo, embora a proposta seja interessante. Estou a ver que trouxeste um dos teus omnipresentes livros.

Jane semicerrou os olhos para o local onde tinha pousado o livro, na relva.

— Surpreende-me que o tenhas reconhecido, Upton, tendo em conta não seres amigo de leituras.

Daphne aproximou-se dela e tirou-lhe o arco das mãos. Jane apressou-se a recolher o seu livro.

— A leitura está bastante sobrevalorizada, se queres a minha opinião. Além disso, tu lês pelos dois — respondeu Upton. — O que estás a ler desta vez?

Jane agarrou o livro com força.

— O *Tratado Sobre a História da Caligrafia e Grafologia*, de Montague, se queres mesmo saber.

— Santo Deus, é tão aborrecido como eu esperava! — disparou Upton, em resposta.

De mãos nas ancas, o olhar de Lucy ia de um para o outro.

— Não comecem, vocês os dois! Tenho de vos lembrar de que estamos aqui para o casamento da Cass e do Julian, e temos uma

semana para nos darmos bem e desfrutarmos das festividades. Vamos começar com o pé direito, está bem?

Upton virou-se para Jane.

— Isso depende exclusivamente da Jane, e de ela usar ou não a sua língua afiada. Parece que já me tornei o alvo dela sem o benefício do arco e da flecha. — Deitou-lhe um olhar sofredor. — Pode ser, Jane?

Daphne fez uma pausa, enquanto puxava uma flecha da aljava, à espera da resposta de Jane.

— Pode ser, o quê? — perguntou Jane.

Upton inclinou a cabeça para o lado.

— Fazemos uma trégua? Pela Cassandra? Durante esta semana?

Jane encolheu um ombro.

— Não tenho desejo de causar nenhuma briga durante o casamento da Cass e do Julian. Mas, se eu fosse a ti, ficaria fora da minha linha de fogo, Upton. Sou muito boa no tiro ao alvo. — Voltou-se outra vez para Daphne com um pequeno sorriso, que Upton não conseguia ver, firmemente desenhado nos lábios.

Daphne disfarçou um sorriso por trás do braço levantado.

— Isso não me pareceu um sim — respondeu Upton.

Jane revirou os olhos, de onde só Daphne a via.

— Porque não era um sim, Upton! Por favor, tenta acompanhar.

Lucy abanou a cabeça.

— Ignora-a, Garrett. — Depois agitou as mãos no ar. — Por favor, diz-me que a Tia Mary vai estar cá. — Voltou a virar-se para Daphne. — É a mãe do Sr. Upton. Sabias que somos primos, não sabias?

Daphne assentiu com a cabeça.

— Vai. Vem para o casamento, na semana que vem — respondeu Garrett.

Jane estava verdadeiramente contente por o saber. A mãe dele era uma mulher encantadora que ela tivera o prazer de conhecer no verão anterior, quando os amigos passaram uma temporada na casa de verão de Garrett, em Bath. Só foi pena que o dono tivesse de lá estar. Garrett Upton era uma adenda lastimável à amizade de Jane com Lucy. O homem nunca lhe caíra no goto. Mais concretamente, os dois detestaram-se quase à primeira vista. Haviam-se conhecido no teatro, quando foram ver a peça *Muito Barulho Por Nada*, após a qual

o gabarola criticara impiedosamente o espetáculo e a representação, enquanto Jane a defendera. Ir ao teatro era um dos passatempos preferidos dela. Recusava-se a permitir que um mariola depravado falasse publicamente sobre um assunto de que pouco sabia.

Se os boatos sobre ele fossem verdadeiros, Upton era um devasso, viciado no jogo e um dissoluto em geral, e Jane não aprovava os homens que passavam o tempo de forma tão frívola. Se aquelas transgressões já eram suficientes para o condenar aos seus olhos, o facto de ele gostar de a provocar por causa das suas tendências intelectuais e educação era outro pecado sem perdão. Embora Jane não estivesse minimamente interessada em Garrett Upton, Lucy e Cass adoravam-no, o que implicava que Jane tivesse de suportar a companhia dele.

— Maravilhoso! — respondeu Lucy. — Vai ser ótimo ver a Tia Mary. — Lucy bateu com um dedo nos lábios. — Espero que a minha mãe seja educada com ela. Ela e o meu pai também estarão cá na próxima semana.

Jane espiou Upton pelo canto do olho. Um largo sorriso estampou-se-lhe na cara. O que também era irritante, porque Upton não era, de todo, de se deitar fora, especialmente quando sorria daquela maneira. Era um homem alto, de cabelo escuro e ligeiramente ondulado, maçãs do rosto altas, nariz direito e perfeito, e olhos cor de avelã, que se tornavam verde-musgo quando trocavam farpas com ela.

— Não te preocupes — respondeu Upton. — A minha mãe sabe defender-se. Nunca a vi atrapalhada com uma situação com a qual não soubesse lidar.

Pelo menos, o tolo tinha respeito pela mãe. Daphne soltou a sua primeira flecha. Saiu disparada num arco largo, caindo na relva, muito longe do alvo.

— Oh, Jane, tens de me ensinar a fazer isto!

— Com todo o gosto! — respondeu Jane.

Voltou a pousar o livro na relva e dirigiu-se para Daphne.

— Permita-me. — Upton chegou junto de Daphne antes de Jane.

Era mesmo de Upton, tentar mostrar-se superior a ela. Jane cruzou os braços sobre o peito e observou-o, de olhos semicerrados.

Upton tirou outra flecha da aljava e pôs os braços à volta da pequena menina Swift. Ajudou-a a alinhar a flecha e a retesar a corda.

— Tem de manter os olhos no alvo.

Daphne deixou a flecha voar. *Pac.* Bateu no alvo, um pouco ao lado do centro.

Upton assobiou.

— Muito bem!

— Isso! Muito bem! Estiveram ambos muito bem — soltou Jane, sentindo-se desconfortável.

Céus! Ela acabara de imaginar como seria ter os braços de Upton à sua volta, a mostrar-lhe como fazer qualquer coisa. *Não* que ela precisasse que ele o fizesse. Isso nunca!

— Muito obrigada pela sua ajuda — agradeceu Daphne, sorrindo docemente para Upton.

Upton tirou os braços de cima de Daphne e virou a cabeça para olhar para Jane. Tinha os lábios firmemente moldados num pequeno sorriso, nada desagradável.

— Obrigado, Jane. Vindo de ti, é um grande elogio.

Lucy levou uma mão à garganta, num arquejo simulado.

— Mas o que é isto? Vocês os dois a serem corteses um com o outro?

Metade da boca de Jane curvou-se para cima.

— Sei ser cortês... quando quero.

— Fico bastante contente por saber isso — respondeu Upton. — Tenho de admitir que tinha as minhas dúvidas.

Fazendo um gesto para dispensar uma criada, Daphne atravessou o relvado para ir recolher as flechas, afastando-se dos outros, por momentos.

— Esta festa poderá ser realmente extraordinária se continuarmos com este excelente início.

Upton arqueou uma sobrancelha.

— Espero bem que seja muito diferente da última festa em que estivemos todos juntos.

Lucy fingiu estudar as luvas.

— A de Upbridge Hall, no outono passado?

Upton deitou-lhe um olhar cético.

— Sim, a de Upbridge Hall, no outono passado.

— O que é que teve assim de tão horrível? — perguntou Lucy.

Jane abanou a cabeça.

— A sério, Lucy?!

— Queres mesmo que te lembre tudo o que correu mal? — acrescentou Upton.

Lucy empinou o nariz.

— Discordo veementemente disso, Garrett. Acho que resultou esplendidamente bem. Estamos aqui no casamento, não estamos? Um casamento que poderia não acontecer se não tivéssemos organizado aquela festa, no outono passado.

— Tudo está bem quando acaba bem, não é? — disse Upton, puxando pelo punho da manga.

— Exatamente! — confirmou Lucy, acenando com a cabeça com tanta força que um dos caracóis escuros se soltou do penteado e lhe ficou pendurado sobre a testa.

— Gostaria de te avisar, Lucy. Não tentes nenhuma das tuas artimanhas durante o casamento da Cassandra — disse Upton.

Jane já estava à espera de um discurso destes. Toda a gente conhecia Upton como sendo a voz da razão quando a sua prima, muito mais exuberante, metia um esquema na cabeça. As artimanhas de Lucy pareciam ter sempre bom resultado, mas costumavam causar uma boa dose de problemas antes de terminarem.

— Disparate! — rejeitou Lucy, agitando uma mão no ar. — Nunca faria nada que causasse problemas durante o casamento da Cass e do Julian.

— Lucy... — Havia um tom de aviso na voz de Upton.

Lucy fez um biquinho com os lábios e olhou para o primo, pestanejando inocentemente.

— Sim?

— Não acredito, nem por um instante, que serias capaz de fazer alguma coisa com a intenção de causar problemas no casamento da Cassandra, mas todos sabemos que, se estiveres a tramar alguma coisa...

— A tramar alguma coisa?! — Lucy fingiu indignação.

— Sim. A tramar alguma coisa. *Estás* a tramar alguma coisa? — perguntou Upton.

Jane teve de abafar o riso.

— Este momento não é provavelmente a melhor altura para falar da minha nova dama de companhia.

— Nova dama de companhia? — repetiu Garrett, pondo a mão na anca.

Lucy olhou para o primo pelo canto do olho.

— Deixa lá isso. Basta dizer que tenciono ajudar aqui a Janie com o seu pequeno problema, mas isso não tem nada que ver com a Cass e com o Julian, e não lhes vai causar o mínimo problema.

As sobrancelhas escuras de Upton arquearam-se.

— O pequeno problema da Jane?

Jane protegeu os olhos com a mão sobre o chapéu, tentando parecer que estava a acompanhar os progressos de Daphne a recolher as flechas. Não estava disposta a explicar fosse o que fosse, muito menos a Upton.

— Sim. É a vez da Jane — respondeu Lucy.

— A vez de quê? — A expressão no rosto de Upton só podia ser descrita como cética.

— Ora, o nosso pacto, claro! — Lucy encolheu os ombros, como se fosse do conhecimento geral. — No verão passado, a Jane, a Cass e eu fizemos um pacto.

Upton esfregou o rosto com a mão.

— Acho que não vou querer ouvir isto...

— Não é nada de escandaloso — assegurou Lucy, afastando o caracol da testa com um movimento rápido da cabeça. — Apenas concordámos em ajudar-nos umas às outras, usando as nossas competências específicas.

— Que são...? — instou Upton.

— Primeiro, ajudei a Cass a livrar-se do Duque de Claringdon — disse Lucy.

Os olhos de Upton arregalaram-se.

— Referes-te ao teu marido?

Lucy fez um biquinho com os lábios.

— Por acaso acabou por ser perfeito para mim, mas eu não o sabia na altura em que fizemos o nosso pacto.

— Depois ajudámos a Cass a apanhar o Julian — acrescentou Jane, sorrindo docemente para Upton.

A boca de Garrett retorceu-se grotescamente, como se tivesse acabado de engolir uma enguia. Virou-se para Lucy.

— Não me digas que vais concentrar os teus talentos em encontrar um companheiro aqui para a Jane...

— Não sejas tolo, Upton! — Jane cruzou os braços sobre o peito. — E, por favor, não digas «companheiro» dessa maneira. Parece tão... bárbaro.

— Claro que não! — interrompeu Lucy, antes que Upton pudesse responder. — Só tencionamos garantir que a mãe da Jane a deixe sossegada para ela poder ser solteira à vontade, como deseja.

— Ai sim? — disse Upton, deitando um olhar sardónico a Jane. — E como tencionas fazer isso, ao certo?

Lucy nem hesitou.

— A Jane tem andado a sofrer com a insistência da mãe para que se case, e temos um plano para pôr fim a isso. Na realidade, é bastante simples. Nada que perturbe minimamente o casamento.

— Lucy... — Lá estava outra vez o tom de aviso na voz de Upton. — O que planeias fazer?

Lucy agitou a mão no ar.

— Nada que exija a tua ajuda, querido primo. Não precisas de me avisar desta vez. Tenho tudo perfeitamente sob controlo.

Upton estudou Jane. Ela limitou-se a encolher os ombros. Tinha esperado pacientemente pela... hum... perícia de Lucy, e não ia permitir que Upton minasse o seu complô em relação à Sra. Bunbury. Lucy conseguia sempre arranjar uma maneira qualquer de atingir o que queria, e, desta vez, Jane tencionava ser a feliz contemplada.

— Não dês cabo dessa tua cabecinha bonita, Garrett — prosseguiu Lucy, dando-lhe uma palmadinha no braço. — Além disso, depois de ajudar a Jane, posso virar as minhas atenções para ti.

— Para mim? — perguntou Upton, revirando os olhos.

— Sim — respondeu Lucy, afastando o caracol recalcitrante da testa.

Upton semicerrrou um olho e pousou a ponta do dedo na testa, como se tivesse uma enxaqueca.

— E, já agora, como poderias tu ajudar-me?

O sorriso de Lucy foi amplo e impenitente.

— Ora essa, estás obviamente a precisar de uma esposa.

CAPÍTULO CINCO



— **A** precisar de uma esposa... Absolutamente ridículo! — murmurou Garret para si próprio, minutos depois de as três senhoras se terem escusado e voltado para a casa. A última coisa de que precisava era que a agitadora da prima lhe tentasse arranjar uma mulher. Bem, Lucy passara os últimos anos convencida de que ele estava apaixonado por Cassandra. Estava, como é óbvio, completamente enganada a esse respeito, mas não tinha sido fácil convencê-la.

Garrett pegou no arco e na flecha e fez pontaria ao centro do alvo. Soltou a flecha, deixando-a ir direita ao alvo. Acertou mesmo ao lado do centro. Raios! Não tão perfeito quanto os tiros de Jane, mas ele nunca lhe daria a satisfação de o saber.

Jane. O que andaria ela a tramar? Lucy era intrometida. Era a sua natureza. E, pelos vistos, Jane andava a encorajar a sua intromissão. Garrett quase lhes pedira para explicarem o que é que Jane quisera dizer com aquele comentário sobre a sua nova dama de companhia. Seria ele capaz de sobreviver a outra festa tresloucada com Lucy a fazer das suas? Suspirou. Algo lhe dizia que era o que estava prestes a acontecer.

Tirou outra flecha da aljava e lançou-a, a rodopiar pelo ar, atrás da última. Sorriu. Aha! Aquela acertou ainda mais perto do que a melhor de Jane.

— Muito bem! — Garrett deu meia-volta, virando-se na direção de onde vinha o som de palmas, e viu Derek Hunt, o Duque de Claringdon, a dirigir-se a passos largos para ele.

— Claringdon, que bom ver-te!

Com mais de um metro e oitenta de altura, Claringdon era ligeiramente mais alto do que Garrett. Era grande, moreno e forte, um antigo tenente-general do exército, antes de lhe ser dado o ducado pela sua ação decisiva na Batalha de Waterloo. Contudo, não obstante todas as qualidades e louvores que o distinguiam, o mais importante para Garrett era que o duque fazia a sua prima Lucy feliz.

— Como tens passado, Upton? — perguntou Claringdon, ao aproximar-se de Garrett.

— Bastante bem.

Garrett tirou uma terceira flecha da aljava.

— Porque é que questiono isso? — A voz profunda de Claringdon detinha uma nota de ceticismo.

Garrett esboçou um meio sorriso. Claringdon era perspicaz. Obviamente, percebeu que Garrett queria abordar determinado assunto com ele. A imagem de Harold Langford atravessou a mente de Garrett. A sua morte. Os seus gritos. Sentiu o peito a apertar-se-lhe daquela maneira que já lhe era tão familiar. A culpa, a sua constante companhia.

— Queria falar contigo sobre a proposta de lei que o Swifdon quer apresentar no Parlamento.

Claringdon arqueou uma sobrancelha.

— Aquela a favor dos soldados que combateram na guerra?

— Sim.

— O que é que tem?

Garrett respirou fundo.

— Tenciono ajudá-lo a fazer campanha por ela, o melhor que puder, claro. Mas quero que vá mais longe.

Claringdon semicerrou os olhos contra o sol da tarde.

— Mais ainda?

— Exatamente.

O interesse de Swifdon em fazer uma lei para os veteranos viera conceder um novo objetivo a Garrett. Ele passara os últimos anos, desde que regressara da guerra, a ser a caricatura perfeita de um homem da sociedade, um futuro conde. Entregara-se à bebida, ao jogo, namoriscava com as senhoras e tinha até levado algumas

viúvas para a cama. Tudo num esforço para esquecer. Nada surtiu efeito. Além das noites de insónias, atormentadas por terríveis sonhos e recordações, fora incapaz de encher o vazio que tinha na alma. Um generoso cheque passado à viúva de Harold a cada duas semanas pouco fizera para estancar o enorme sentimento de culpa que o perseguia para onde quer que fosse. Agora, com aquela lei, Garrett teria, finalmente, a possibilidade de fazer alguma coisa. Ele próprio ainda não era membro do Parlamento, mas tinha dois amigos próximos que o eram, Claringdon e Swifdon.

— O que é que tinhas em mente? — perguntou Claringdon.

— Quero alargá-la. Fazer com que não sejam só os soldados a serem abrangidos, mas as famílias também.

Os cantos da boca de Claringdon curvaram-se para cima, num esgar de dúvida.

— Sabes que já vai ser uma luta só para incluir os soldados.

— Eu sei. — Garrett assentiu com a cabeça. — Mas acho que é importante.

— Não discordo de ti — disse Claringdon, com um gesto afirmativo da cabeça. — Vamos falar com o Swifdon.

— Obrigado — respondeu Garrett. — Queres tentar a sorte com o arco?

Claringdon deu um passo em frente.

— Pode ser. Na verdade, vim à procura da Lucy. Ela disse-me que vinha para aqui praticar tiro com arco com a Daphne.

— Acabaram de sair. A menina Lowndes estava com elas.

Claringdon pegou no arco e retesou a corda.

— A Jane?

— Sim.

Claringdon abanou a cabeça.

— Só espero que aquelas duas reflitam um pouco mais sobre as coisas antes de se meterem em sarilhos.

— Sarilhos?

— Sim. A Lucy não te disse? Contratou uma nova dama de companhia para a Jane. Uma tal de Sra. Bunbury.

— Bunbury? — Garrett praguejou baixinho. Não era a primeira vez que ouvia aquele nome.

CAPÍTULO SEIS



— Como está a bela noiva? — perguntou Jane uma hora mais tarde, quando ela e Lucy entraram nos aposentos de Cass, na grande casa senhorial.

O quarto de Cass era tão bonito quanto ela, todo cor-de-rosa e branco, e alegre. Havia uma maravilhosa cama de quatro colunas ao centro, uma delicada estante branca que ocupava uma parede inteira e quase deixou Jane a salivar, e aquarelas de flores na parede, que a própria Cass havia pintado.

Cass levantou-se da escrivaninha para cumprimentar as amigas, com o cabelo louro cor de mel a cair-lhe em cascata sobre os ombros. Ainda estava de camisa de dormir.

— A noiva? Estou nervosa — respondeu, com um sorriso trêmulo. — E tenho uma terrível borbulha vermelha no nariz, que é bom que desapareça antes do casamento, senão não sei o que farei.

— Uma borbulha vermelha? Deixa-me ver. — Lucy correu para Cass e examinou-lhe o nariz. — Não está assim tão mal, na verdade.

— Não está assim tão mal?! Parece que tenho um terceiro olho — refutou Cass, levando a ponta do dedo ao ponto ofensivo.

— Sem dúvida que é por causa dos nervos — disse Jane. — Tenta não te preocupares tanto, Cass.

Pobre Cass! A rapariga estava extremamente ansiosa. Sempre fora nervosa, mas o casamento só estava a piorar as coisas. É claro que Jane não podia compreendê-la, nunca tendo estado noiva, com toda a sociedade prestes a entrar-lhe pela casa adentro para o casamento. Só podia imaginar a coragem de que Cass precisava

para enfrentar tudo aquilo. Especialmente com a mãe prepotente a atrapalhá-la. Porém, o resultado, o casamento propriamente dito, iria com certeza ser maravilhoso.

— Isso mesmo! — Lucy enrolou um caracol à volta de um dos dedos. — Não tens nada que ficar nervosa. Vai estar tudo fantástico. Tenho andado a ajudar a tua mãe no planeamento e...

— *Tu* estiveste a ajudar a minha mãe? — A mão de Cass caiu-lhe do rosto, e os olhos azuis-aciano arregalaram-se.

— Sim, querida — respondeu Lucy. — Não sabias? Já praticamente me perdoou, agora que vais ser condessa.

Jane riu-se.

— Suponho que só isso o conseguiria.

A mãe de Cass ficara ressentida com Lucy por causa do seu papel em dissuadir o Duque de Claringdon de cortejar Cass no verão anterior. Lucy fizera-o a pedido de Cass, claro, porque a amiga estava apaixonada por Julian, mas isso não tinha importância para os pais de Cass, sedentos de estatuto social. Hostilizaram Lucy durante meses — quer dizer, até que Julian regressou e, inesperadamente, tornou-se conde. O irmão mais velho de Julian, Donald, havia sido morto no outono anterior, ao serviço do Ministério da Guerra, em França.

— Fui praticamente forçada a esconder-me da minha mãe — disse Cass. — Nunca a vi com tanta disposição para me abraçar. Fá-lo em todas as oportunidades.

Jane riu-se outra vez.

— Ah, pois... Está prestes a ver a filha tornar-se condessa!

Cass suspirou.

— É verdade, e dói-me o coração que seja à custa do Donald. A única coisa boa nisto é que, agora que o Julian é conde, pode usar a sua posição no Parlamento para promover a lei a favor dos veteranos.

Lucy pousou uma mão sobre a de Cass.

— Sei que tem sido difícil para o Julian e para a Daphne desde que o Donald morreu.

Os olhos de Cass encheram-se de lágrimas, mas esforçou-se rapidamente por contê-las.

— Prometi ao Julian que esta semana seria de alegria e tenciono estar bem-disposta. Estou mesmo bem-disposta, mas, ainda assim, estar tão feliz em circunstâncias tão trágicas é difícil. A minha mãe é tão insensível à razão da elevação do Julian!

— Está apenas feliz por a sua querida filha se ir casar. Talvez devesses ver as coisas dessa maneira — lembrou Jane, ajustando os óculos ao nariz.

Cass ergueu uma sobrancelha, cética.

— Querida?

Jane encolheu os ombros.

Lucy pigarreou.

— Seja como for, tenho estado a ajudar a tua mãe no planeamento, e já temos tudo preparado, incluindo todas as festividades até ao casamento.

O nariz de Cass ficou vermelho, e ela apertou-o com o lenço.

— O casamento — repetiu ela. — Oh, mal posso acreditar que vou casar com o Julian na semana que vem. Após tantos anos de espera e, depois, estes últimos seis meses, e... Uma de vocês pode beliscar-me, por favor? Tenho tanto medo que seja só um sonho.

Jane esfregou o ombro de Cass e deu-lhe um sorriso de encorajamento. Estava encantada pela amiga. Cass era tão bonita por dentro quanto por fora, e Jane estava feliz que Cass tivesse encontrado o amor da sua vida. Parece que esse amor existia mesmo... para algumas pessoas.

— Não é preciso beliscar-te. É tudo bem real, garanto-te, e ninguém mais do que tu e o Julian merece toda essa felicidade.

Cass curvou ligeiramente a cabeça.

Lucy apressou-se a abraçar Cass.

— Claro que é real, querida! É real e maravilhoso.

— A dimensão deste casamento põe-me os nervos em franja — continuou Cass. — Vai haver dúzias de convidados!

— É um conde que se vai casar, querida — respondeu Lucy, com um sorriso caloroso.

— Pois, mas eu não fazia ideia de que seria tão grande. Normalmente, estas coisas são eventos pequenos e calmos. Tu casaste com um duque e não tiveste metade das pessoas a assistir, Lucy. Não é

de admirar que eu tenha uma borbulha vermelha no nariz. É de admirar é que não tenha várias!

— Quando um conde herói de guerra casa com o seu amor de sempre, que, por acaso, é filha de outro conde, toda a sociedade quer celebrar — acrescentou Jane.

Cass mordeu o lábio.

— Não quero ser um espetáculo.

— Sê um espetáculo, querida! — disse Lucy, fazendo um floreio no ar com a mão. — E aproveita para te divertires imenso.

— Bem dito! — concordou Jane, acenando com a cabeça.

Lucy correu para o guarda-roupa de Cass.

— Bom, já tenho o teu traje para o baile de máscaras e...

A cabeça de Jane levantou-se subitamente.

— Baile de máscaras?!

Lucy olhou para ela e pestanejou.

— Sim. Baile de máscaras. Daqui a duas noites. Pensei que te tinha dito. Oh, Janie, por favor, diz-me que te lembraste de trazer um traje para o baile de máscaras...

— Não, não me lembrei de trazer um traje para o baile de máscaras. Nunca fui a um baile de máscaras. Porque é que haverias de pensar que eu teria um traje para tal evento? E porque é que vamos ter um baile de máscaras numa festa onde toda a gente se conhece?

Cass e Lucy riram-se e abanaram a cabeça ao mesmo tempo.

— Nem toda a gente se conhece. Muitos convidados ainda nem sequer chegaram — disse Lucy. — Não te preocupes com o teu traje. Tenho um vestido que podes usar, e vamos tratar de te fazer uma máscara de dominó. Acho que a minha mãe tem uma. Vou mandar uma das criadas buscá-la a Upbridge Hall.

Jane suspirou. Bolas! Que azar que os pais de Lucy e Cass eram vizinhos, sendo fácil mandar buscar uma máscara a Upbridge Hall. Tendo sido criadas como vizinhas, Cass e Lucy haviam-se tornado amigas, apesar das suas diferenças. Lucy era uma maria-rapaz com a língua afiada e maneiras a condizer, enquanto Cass era a própria encarnação da perfeição tímida da elegância feminina.

Jane estava algures entre as duas. Nunca fora muito de elegância feminina, mas também nunca se dera ao trabalho de não seguir as

regras da sociedade. Estava demasiado ocupada a ler. Amava muito as amigas, sobretudo porque elas faziam a parte de leão da conversa, enquanto ela podia ficar ditosamente a ler. Claro, podia oferecer um comentário sucinto, de vez em quando, mas, normalmente, ficava bastante feliz por deixar Lucy e Cass resolverem tudo, resumindo-lhe depois os factos relevantes.

Pena vir a descobrir, agora, que o último facto relevante era um baile de máscaras. Jane suspirou outra vez. Pretendia ser sociável e alinhar nas festividades do casamento de Cass, mas, francamente, um baile de máscaras?!

— Não te preocupes. De certeza que vai ser divertido, Janie — sossegou-a Cass, dando-lhe palmadinhas na mão.

— Claro que vai — respondeu Jane, substituindo os seus pensamentos por um sorriso bem-disposto. Fazia-o por Cass. Se a amiga queria um baile de máscaras na celebração do seu casamento, Jane iria arranjar uma máscara de dominó e estaria presente.

— Digam-me — instou Cass. — Chegaram mais alguns convidados desde que estive lá em baixo?

— Está cá o Upton — anunciou Jane, tentando, embora sem grande resultado, não deixar o desprezo transparecer-lhe na voz.

Cass entrelaçou as mãos.

— Fico tão contente! Ter-vos aos três comigo faz-me sentir muito melhor.

— Porque é que tens de incluir o Upton nos «três»?! — protestou Jane, torcendo o nariz.

Lucy deitou-lhe um olhar de aviso.

— Prometeste ser cortês... — sussurrou ela.

— Está bem — sussurrou-lhe Jane de volta.

— Sabes que o Garrett é um dos meus melhores amigos — disse Cass, dirigindo-se para o espelho, para voltar a examinar o nariz, tocando na borbulha vermelha.

Jane atravessou o quarto até à janela e puxou a cortina, para ver a extensa paisagem por trás da casa senhorial. Upton ainda estava no relvado, a praticar tiro com arco. Jane ficou a observar-lhe a silhueta. Gostaria de o desafiar para uma prova e mostrar-lhe como as mulheres eram superiores.

— Um milagre que ele tenha vindo, tendo em conta os sentimentos dele por ti.

Cass virou-se abruptamente para Jane.

— Como assim?

Jane puxou os óculos para cima.

— Então... o Upton queria casar contigo...

— Sim, mas... — começou Lucy.

Jane virou-se e viu as amigas a trocarem olhares.

Lucy fez um gesto com a cabeça na direção de Cass.

— Devias ter visto, Cass. Eu disse ao Garrett que, depois de ajudar a Janie com a Sra. Bunbury, o ajudaria a encontrar uma esposa.

— Disseste? — Cass abafou o riso com a mão.

— Disse mesmo — confirmou Jane, voltando-se novamente para a janela.

— E o que é que o Garrett disse acerca disso? — quis saber Cass.

— Fez-me mais alguns avisos terríveis do que aconteceria se eu causasse problemas no teu casamento e depois balbuciou uns disparates sobre como não precisava de esposa. O homem vai ser conde um dia. Claro que precisa de uma esposa! Quanto mais cedo, melhor, se querem saber.

Jane bufou.

— Desejo-te muita sorte a encontrares alguém que o consiga suportar o tempo suficiente para casar com ele, mas esta semana estamos concentradas na Cass, não no Upton.

— Com certeza — concordou Lucy.

— E temos de planear o que vamos dizer à minha mãe quando ela chegar, na próxima semana, à procura da Sra. Bunbury — continuou Jane.

Cass alisou o cabelo comprido.

— O que tencionas fazer, ao certo?

Os olhos de Lucy iluminaram-se com a alegria travessa que sempre os visitava quando explicava um dos seus esquemas.

— A ideia é que, se a Jane tiver uma dama de companhia fictícia, poderá ir à biblioteca ambulante ou a um salão intelectual, em vez de fazer visitas e de frequentar festas. Não haverá ninguém para contradizer as suas afirmações sobre onde tem andado.

— Mas como é que irás manter esse embuste em Londres? — perguntou Cass.

Lucy tamborilou com um dedo na face.

— A verdade é que não pensámos muito para além disto. Por enquanto, estávamos apenas preocupadas com esta festa.

— Pois, um problema de cada vez — disse Jane.

— No entanto, a Jane e eu tínhamos a intenção de dedicar uma boa parte da próxima semana a tentar encontrar uma solução para o problema — acrescentou Lucy, com um aceno de cabeça determinado.

Cass passou a mão pelas mangas abaixo.

— A tua mãe pensa que estás aqui com a Sra. Bunbury, Jane?

Jane assentiu com a cabeça.

— Consegui sair de casa com a Eloise, mas a minha mãe insistiu em ser apresentada à minha nova dama de companhia quando chegar, na próxima semana.

— Não te preocupes, Jane. Havemos de pensar nalguma coisa — assegurou-lhe Lucy.

— Vocês as duas conseguem sempre. — Cass virou a cabeça de um lado para o outro, ao espelho. — Podia usar um véu a cobrir-me a cara até que esta borbulha desaparecesse.

— A única coisa que o véu vai fazer é chamar a atenção para ela. — Lucy virou-se para Jane. — Chegaste aqui bem, não chegaste?

Jane assentiu com a cabeça.

— Cheguei, de facto. Concordo com isso do véu.

Cass suspirou e afastou-se do espelho. Virou-se para as amigas.

— Cass, não te preocupes com isto — disse Lucy. — És a noiva, e é a tua festa de casamento. A Jane e eu vamos tratar do assunto da Sra. Bunbury.

— Exatamente — concordou Jane.

— Falaste da Sra. Bunbury ao Garrett? — perguntou Cass.

Lucy abanou a cabeça.

— Não. Ainda não.

Os olhos de Cass arregalaram-se.

— E pensas fazê-lo?

Lucy alisou as saias.

— Com o Garrett, o melhor é admitir as coisas. Ele tem o péssimo hábito de acabar por descobrir o que se passa, e é melhor para toda a gente se ele estiver por dentro do assunto desde o início.

— Pois. É verdade que ele ajudou quando o Owen chegou à festa, no outono passado — admitiu Cass. — Mas, mesmo assim, embora seja o meu casamento, quero ajudar a resolver a situação da Jane. Vai distrair-me da pilha de nervos em que estou, e da minha mãe. E da minha borbulha. — Carregou novamente sobre a erupção criminosa com a ponta do dedo.

Jane puxou pelo lábio inferior.

— Estava aqui a pensar... Podíamos mandar a Sra. Bunbury escrever uma carta à minha mãe a dizer-lhe que adoeceu e que teve de se ir embora. Poderia acrescentar que tem a certeza de que eu devia perder a esperança de encontrar um noivo. Pode ser que consigamos convencer a minha mãe a deixar de alimentar as suas fantasias quanto às minhas perspetivas matrimoniais.

Lucy torceu o nariz.

— Querida, não me parece que a tua mãe acredite numa mulher qualquer a esse respeito.

— E para mais uma mulher que ela nem sequer conhece — acrescentou Cass.

— Têm razão. — Jane atravessou a tapete. — A Sra. Bunbury podia começar uma campanha de cartas sobre o assunto, implorando à minha mãe que desista das suas tentativas de me casar, para não se tornar a chacota da sociedade.

— Está melhor — admitiu Lucy, caminhando na direção oposta —, mas continua a faltar-lhe... qualquer coisa.

Cass colocou um caracol louro atrás da orelha. Olhou fixamente lá para fora, pela janela.

— Podias envolver-te num escândalo. A tua mãe seria forçada a manter-te fechada em casa. Se fosse suficientemente mau, quer dizer.

Jane parou de andar para trás e para a frente.

— Um escândalo?

Cass olhou para trás, sobre o ombro, e riu-se.

— Estava a brincar.

— Não. Gostei bastante da ideia! — disse Jane.

— Um escândalo... — repetiu Lucy, com os olhos díspares a chispar.

Cass deu meia-volta, virando-se para elas.

— Oh, Lucy, não! Não fiques com esse olhar. Nada de escândalos, por favor!

— Que tipo de escândalo teria de ser? — perguntou Jane, com os olhos pregados em Lucy.

— Não, Janie. Nada de escândalos! No meu casamento, não. Por favor! — suplicou Cass.

— Nunca pensaríamos em fazer nada que transtornasse o teu casamento, Cass, querida. — disse Lucy. — Mas *depois* do casamento...

— Sim? — incitou Jane, certa de ela própria ter o mesmo brilho nos olhos.

Cass apressou-se a colocar-se no meio delas.

— Oh, Jane! Ficar na prateleira nos eventos sociais é uma coisa, mas um escândalo é bem diferente. E eu...

Jane deu uma palmadinha no ombro de Cass. Ela e Lucy precisavam de planear aquilo sozinhas. A pobre e ansiosa Cass já tinha muito com que se inquietar.

— Não te preocupes. Não vai ser um escândalo horrível, só um escandalozinho eficaz.

Um romance intenso e cativante com personagens absolutamente irresistíveis.



Jane Lowndes é uma jovem solteira de 26 anos que adora ler e que sonha em passar o resto dos seus dias a estudar, a lutar pelos direitos das mulheres e a frequentar salões intelectuais. Contudo, a sua mãe tenta insistentemente convencê-la a casar e a participar em eventos sociais.

Lorde Garrett Upton é um solteirão despreocupado que sobreviveu à guerra e regressou a Londres com o intuito de aproveitar ao máximo a vida. Tal como Jane, não tem qualquer intenção de se casar.

Ambos se conhecem há vários anos, mas não se toleram, estando constantemente a discutir e a provocarem-se. Só que um dia, num baile de máscaras, beijam-se, sem saberem a identidade um do outro. Quando o descobrem, tudo começa a mudar entre eles.

Conseguirá o desejo que sentem um pelo outro superar o sonho de permanecerem independentes e descomprometidos?

«*A Lady Improvável* é uma maravilhosa versão de *Muito Barulho por Nada*, de William Shakespeare.»

Mysterious Galaxy Bookstore

Leia também:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-93-7



9 789898 869937

Ficção Romântica